

A psiquiatria e a experiência de Quase-morte

COMO DIFERENCIAR A EQM DOS ESTADOS DE PERTURBAÇÃO MENTAL?

UMA ANÁLISE NA VISÃO MÉDICA E ESPIRITUAL

Por Érika Silveira

Continuando o tema de capa da edição anterior, entrevistamos o dr. Vitor Franklin para aprofundarmos mais o assunto. Dr. Franklin é psiquiatra, dirigente do Grupo Espírita Hosana Krikor e membro do Núcleo de Estudos dos Problemas Espirituais e Religiosos (NEPER), do Instituto de Psiquiatria da USP.

Como pode ser analisado o quadro psicológico dos pacientes que passaram pela experiência de quase-morte?

Antes da vivência os pacientes temiam a morte, sendo que muitos a negavam, defendendo-se como podiam de entrar em contato com a finitude. Após a experiência, se deram conta que os momentos terminais da existência não são tão penosos quanto imaginavam ser. Existe um desconforto na fase pré-agônica, porém, na transição da vida para a morte vai havendo uma mudança no estado de consciência, início do contato com outro plano existencial e suspensão dos sintomas corporais. Conscientes de que a morte pode ser dolorosa, porém, morrer propriamente não é; os pacientes eliminam a angústia existencial gerada pelo medo da morte e sentem que estão começando uma nova vida.

Como se explicam alguns sintomas e relatos em comum entre as pessoas que passaram pela EQM, tais como: retrospectiva da vida como se fosse um filme, túneis escuros, presença de amigos e familiares desencarnados, ausência do tempo etc?

Na EQM os pacientes geralmente apresentam parada cardiorespiratória, devido a alterações circulatórias, metabólicas, infecciosas, tóxicas ou neoplásicas. Sabemos que as estruturas cerebrais responsáveis pela memória (hipocampo) são as últimas a morrer e, nessas

áreas de memória, podemos rapidamente rever nosso histórico desde o útero, passagem pelo canal do parto (túneis escuros); encontro com a mãe fora do útero, na primeira infância, lembranças afetivas marcantes com amigos da infância, adolescência etc. Tais são as explicações de alguns neurocientistas que tentam definir o retorno da “consciência” ao corpo e a percepção dos fenômenos hipocampais, relacionados a memórias progressas, de forma acelerada, ao regressar.

Como identificar uma EQM?

Geralmente, são pacientes que passam por morte clínica, necessitando medidas de ressuscitação cardiorespiratórias e enquanto são assistidos pelos médicos, mantêm um nível de consciência (extra) fora do corpo, experimentando sensações inexprimíveis; por vezes, ouvindo a notícia dada pelo médico de que está morto, passam rapidamente através de uma espécie de túnel em direção a uma luz e encontram-se com seres que são tomados por Deus, sentindo-se seguros e felizes. Podem flutuar no espaço livremente, avistando o próprio corpo no leito ou quem esteja ao seu redor. Às vezes, vêem pessoas conhecidas ou desconhecidas. Tais aparições, em geral, são de pessoas falecidas que vêm para buscar o paciente que está para morrer. Nesse período, ocorre uma recapitulação rápida, porém nítida, dos detalhes de seu passado individual. Poucos pacientes em suas EQM se aproximam de alguma barreira, fronteira ou uma espécie de limite, como uma extensão de água, uma névoa cinza, uma porta, uma linha, uma cerca em volta de um campo. Em seguida ocorre o retorno para o corpo, nem sempre com satisfação.



Seja nas antigas culturas orientais ou nas pinturas que fazem referência ao cristianismo, encontramos retratada a possibilidade da consciência se manifestar fora do corpo físico, assim como, o auxílio dos espíritos durante as experiências de quase-morte

Por que é mais comum a EQM em pacientes que passaram pelo coma (natural ou induzido)?

Durante o coma ou em certos casos de anestesia geral ou parada cardiorespiratória, ocorre o afrouxamento dos laços que prendem o espírito ao corpo, havendo a projeção do corpo astral (desdobramento) que precede o desligamento definitivo do espírito.

Em geral, as pessoas que passaram pela EQM dizem ter mudado seus valores de vida e crenças. Podemos, então, dizer que essa experiência é uma oportunidade de crescimento espiritual não compreendida ainda pela ciência?

Sim. As prioridades de suas vidas passam a ser o Amor e o Conhecimento, tornando-se leitores assíduos, cursando faculdades ou escolas para estudar um campo diferente daquele em que trabalham.

Certas drogas e medicamentos ministrados a alguns pacientes em estados graves podem causar estados de alucinação e ilusão mental que podem ser confundidas com EQM?

Não. Os estados confusionais apresentados por pacientes em estado grave, que usam determinados medicamentos são distintos da EQM, pois não há perda de

consciência e os eventos da EQM (sensação de estar morto, sentimento de paz e alívio das dores, experiências fora do corpo, o túnel, os seres de luz, a recapitulação e a rápida ascensão para o espaço), não se processam nesses estados tóxicos.

Qual é a diferença no estado mental do paciente que é dado como clinicamente morto por alguns instantes e o que passou pelo coma?

O paciente que é dado como clinicamente morto apresenta-se geralmente em parada cardiorespiratória com o eletrocardiograma isolétrico indicando ausência total de batimentos cardíacos, pulsos ausentes, miíase bilateral e após as manobras de ressuscitação voltam ao funcionamento normal.

O paciente em estado de coma perde completamente a consciência, havendo perda completa da sensibilidade, o tônus muscular é diminuído, ausência dos reflexos miotáticos normais, podendo existir ou não reflexos patológicos e ausência de reflexos pupilomotores nos comas “cerebrais” ou nos estádios agônicos dos comas “cardiocirculatórios”. Ao contrário, nos comas “tóxicos metabólicos” os reflexos pupilares estão presentes e as vias óculo-motoras ainda respondem com movimentos conjugados dos olhos, quando se põe à pro-

EM UMA EQM, A PESSOA PODE FLUTUAR NO ESPAÇO LIVREMENTE, AVISTANDO O PRÓPRIO CORPO NO LEITO OU QUEM ESTEJA AO SEU REDOR. ÀS VEZES, VÊ PESSOAS CONHECIDAS OU DESCONHECIDAS

va, girando passivamente a cabeça. Nos estados de coma observamos batimentos cardíacos, pulsos presentes, respiração com ritmos respiratórios distintos, dependendo da origem do estado comatoso, os quais não são verificados nos estados de “morte clínica”.

Por que a pessoa, ainda estando ligada por laços fluídicos ao corpo, não consegue dar os comandos a esse corpo por mais que se esforce para isso?

Não adianta um violinista brilhante desejar compor uma bela melodia se as peças do violino se encontram “lesadas”.

Da mesma forma, um cérebro com hipóxia não

permite, por exemplo, aos neurônios do sistema reticular, ativarem os neurônios do córtex cerebral para os atos motores, intelectuais, afetivos ou instintivos.

Existe uma forma de consciência que mantém uma certa independência do corpo físico e este, quando lesado, não responde ao comando da consciência, embora esta apresente níveis de atenção, sensopercepção e inteligência absolutamente normais.

Parece estar aí uma prova incontestada da existência do espírito.

Como seus pacientes que passaram pela EQM passaram a lidar com a vida?

Relatos de EQM

O delegado-chefe da área de Investigação Criminal de Curitiba e pesquisador espírita, João Alberto Fiorini, passou pela experiência de quase-morte e conta como sua vida mudou após essa vivência.

“Em 1997, recebi a notícia de que estava com câncer no intestino. Logo depois fui internado no Hospital das Clínicas, em São Paulo, para fazer uma cirurgia.

Quando estava me dirigindo para o centro cirúrgico, pensei que não escaparia da morte. Conforme percorria o corredor, cenas de minha vida passavam como um filme em uma questão de segundos. A única coisa de que me recordo é que pedia perdão a Jesus por todos os meus erros e uma nova oportunidade. Fiquei 8 horas na mesa de operação. Durante esse tempo, lembro-me de estar em uma escuridão total, como se ali não existisse nada, em um profundo vazio, onde o tempo pára e não existe. Uma sensação de morte, do nada absoluto, do vácuo no espaço. Depois dessa experiência de quase-morte eu mudei completamente. Quando retornei ao corpo e depois de alguns dias recebi alta do hospital, são e salvo, agradei muito


a Deus por salvar a minha vida e fazer com que pudesse enxergar coisas que antes meus olhos não viam.

Antes levava uma vida muito desgrada, mas depois desse período de sofrimento, optei por me dedicar mais ao lado espiritual, passei a valorizar as coisas mais importantes”.

A professora de sociologia e coordenadora do Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Maria Stella Santos Graciani, passou pela EQM no ano de 1986 após um episódio de arritmia cardíaca que provocou sua morte clínica. Embora seja católica atuante, afirma acreditar concretamente na existência após a morte.

“Foi uma experiência imprescindível, mas de profunda ternura e dor por frações microscópicas de tempo. O coração, que é o centro da vida parou, para a viagem inesquecível que fiz. Tive a impressão de ter virado um feixe de luz, uma molécula de átomo. Foi inexplicável o deslocamento de meu corpo físico para viver instantaneamente em espírito. Eu via tudo ao meu redor fora de mim, ou com a impressão de estar aci-

ma de meu corpo, que estava sendo tratado e medicado. De repente, comeci a sumir e passei por um tubo, vácuo, corredor ou túnel escuro e cheguei num lugar de luz indescritível. Esse local era muito diferente de tudo o que já tinha vivido até então. Vi duas figuras, uma mais alta, de um homem com cabelos e barbas grandes e outra mais baixa com um chapéu. Senti um desejo incrível de correr, estar perto, abraçar, mas essas figuras faziam sinais com as mãos de que eu deveria voltar. Neste momento pensei nas minhas duas filhas que eram pequenas e ainda necessitavam muito de meus cuidados, do meu amor e principalmente das minhas orientações. Voltei para o lugar de onde havia saído, apesar da beleza, da fluidez e da imensa tranquilidade que senti lá. Revi meu corpo na UTI e os médicos fazendo muito esforço para reanimá-lo. Senti um tranco e ouvi um dos médicos dizer que eu estava viva. Este episódio foi um marco histórico e um divisor existencial para minha vida. Tornei-me mais engajada nas lutas por direitos humanos. Tudo o que realizo me faz cada vez mais completa, íntegra e totalizadora. Sinto-me gratificada pela vida que Deus me propiciou”.



A maioria passou a conviver melhor com a finitude do corpo, com o medo da morte, tornaram-se mais amorosos e estudiosos. Alguns pacientes, porém, durante a EQM se viram em situações amedrontadoras, como se estivessem em regiões infernais. Tais fatos são comuns em pacientes que tentaram o suicídio. Durante a convalescença eles acabam esquecendo o que presenciaram na EQM.

Como a ciência tem analisado a questão da vida após a morte, diante dos relatos de pessoas que passaram pela EQM?

Com muitas pesquisas científicas. Recentemente, há cerca de dois anos, recebemos no NEPER o Prof. Peter Fenwick da Universidade de Londres, apresentando pesquisas sobre EQM em pacientes com parada cardiorrespiratória. Mesmo assim, existem cientistas extremados que negam a existência da alma imortal nos seres vivos. Para a Ciência oficial, no ser vivo nada mais há para sobreviver após a morte, a não ser o corpo físico. Daí as explicações deles são sempre as mesmas: alucinações autoscópicas devido a hipóxia cerebral, estado alterado de consciência, transtorno dissociativo entre a propriocepção e estruturas hipocámpais etc.

As investigações baseadas em testemunho humano são insuficientes para a ciência, e fatos como a EQM ameaçam as bases materialistas do sistema vigente.

O psiquiatra americano dr. Raymond Moody, que é um dos maiores especialistas no tema EQM, diz que mesmo diante de tantos relatos e fatos, a Ciência não tem provas concretas da vida após a morte. Muitos médicos dizem ser esses relatos dos pacientes, estados alterados de consciência, apenas. Como o senhor analisa essa questão?

Realmente, não existem evidências científicas suficientes para comprovação da vida após a morte. Entrementes, há interesse por parte de vários investigadores tentando esclarecer esta questão. A obra de Gary Doore, traduzida para o português como *Explorações Contemporâneas da vida depois da morte* (Doore, 1992), da qual participam Ken Wilber, Stanislav Grof, Rupert Sheldrake, Gordon Greene, é um exemplo vivo desse interesse.

O desenvolvimento de métodos qualitativos de pesquisa pode suplantar, num futuro próximo, as restrições impostas pela Ciência oficial que impedem esse tipo de investigação na EQM. Muitos cientistas crêem no falseamento das declarações devido a interesses pessoais, crenças religiosas e filosóficas, fantasias psíquicas, distorções dos sentidos etc.

Temos o caso recente de Terri Schiavo, nos EUA, que após quinze anos em coma morreu porque as sondas

PARA A CIÊNCIA OFICIAL, NO SER VIVO NADA MAIS HÁ PARA SOBREVIVER APÓS A MORTE, A NÃO SER O CORPO FÍSICO. POR ISSO, AS EXPLICAÇÕES DELES SÃO SEMPRE AS MESMAS...

que a alimentavam foram retiradas. Aqueles que crêem na imortalidade da alma sabem que além do corpo existe um espírito que necessita da prova, mas a Ciência, por não admitir ou considerar esse fato, acatou a ordem de desligar.

Essa é uma questão fundamental de crença. Para os materialistas não faz sentido manter uma vida vegetativa, muitas vezes às custas de intenso sofrimento familiar, ao observarem procedimentos médicos invasivos, agressores, destinados apenas à manutenção de um equilíbrio profundamente instável do corpo físico. Para os espíritas, o cumprimento do tempo destinado na Terra é fundamental, pela possibilidade do desenvolvimento do perdão entre os familiares, que acabam se unindo mais, durante o transcorrer da prova do espírito encarnado.

Gostaria de acrescentar algo sobre a EQM?

A EQM, independentemente das “provas” científicas, evidencia a vida após a morte do corpo, assim como casos de xenoglossia respôsiva bem documentados, os casos sugestivos de reencarnação, a transcomunicação instrumental, a experiência fora do corpo, a regressão a vidas passadas, a facilidade de algumas pessoas para habilidades musicais, línguas, a evolução das espécies etc. Precisamos de paciência para traduzir a observação dos fatos em construção científica da imortalidade.

Na ciência espírita devemos continuar, tijolo a tijolo, seguindo as orientações de Kardec, o mestre de Lyon: “Não é o apito do maquinista que coloca o trem em movimento?”. Ao trabalho! E logo Filosofia e Religião se integrarão à Ciência oficial. ■

As experiências de quase-morte

Por Hetie Tibau

Desde os primórdios da civilização, o homem sempre se preocupou com a questão da morte. Até hoje, uma grande parte da Humanidade indaga: “O que acontece quando as pessoas morrem?”, “A morte será simplesmente deixar de viver?”

O plano espiritual, sempre esteve atento, trazendo, desde as mais remotas eras, processos para “acordar” o homem, demonstrando a imortalidade da alma, a continuidade da vida do espírito: são as aparições, a voz direta, a escrita direta, fenômenos de efeitos físicos, as manifestações dos espíritos, etc. Costuma-se dizer que começamos a morrer quando nascemos mas, apesar dessa verdade biológica, muitos ainda não se acostumaram com a idéia da morte, acreditando que morrer significa extinguir-se. Os estudos científicos mostram que todas as formas vivas estão sujeitas a morrer, mas não a se extinguirem, já que a extinção absoluta não existe. Nada

se acaba, nem se perde. Tudo se transforma na Natureza.

A doutrina espírita, na questão 540 de *O Livro dos Espíritos*, diz que “tudo se encadeia no Universo”. Será que a vida humana seria diferente? A partir da década de 60, vêm sendo desenvolvidas pesquisas no campo da sobrevivência da alma. Em 1975, o Dr. Raymond Moody Jr. publicou o livro intitulado *Vida depois da vida*, com relato e estudos de alguns dos 150 casos colhidos, entre eles os de pessoas que haviam sofrido, em um dado momento, “morte” clínica ou haviam estado na eminência da morte e tinha voltado para contar. É o próprio Dr. Moody que nos diz no livro *A Luz do Além*: “Não estamos, hoje, mais próximos de responder à questão fundamental da vida após a morte do que há milhares de anos, quando ela foi, pela primeira vez, cogitada pelos homens da Antiguidade. Mas existem várias pessoas comuns que estiveram

à beira da morte e que relataram vislumbres miraculosos de um mundo além, um mundo fulgurante de amor e compreensão, que somente pode ser alcançado por meio de uma excitante viagem através de um túnel ou passagem. Esse mundo é habitado por pessoas já falecidas, parentes e amigos, todas envoltas em uma gloriosa aura de luz e governado por um Ser Supremo, que orienta o recém-chegado numa recapitulação de sua vida, antes de enviá-lo de volta para a Terra.

Após o retorno, as pessoas que “morreram” nunca mais foram as mesmas. Elas retomam à vida em toda a sua totalidade e exprimem a crença de que o amor e o conhecimento são as coisas mais importantes dentre todas, pois são as únicas que podemos levar conosco. “Na falta de uma expressão mais adequada para descrever esses incidentes, pode-se dizer que essas pessoas tiveram uma Experiência de Quase-Morte (EQM)”.